

# As práticas femininas e os conhecimentos sobre a matéria: alguns antigos cosméticos<sup>1</sup>

*Women's practices and knowledge about matter: some old cosmetics*

LAÍS DOS SANTOS PINTO TRINDADE

Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência | PUC-SP

MARIA HELENA ROXO BELTRAN

Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência | PUC-SP

**RESUMO** Entre os séculos 16 e 18, foram publicados muitos textos dirigidos às damas. Alguns deles foram escritos por mulheres. Esses textos traziam os mais variados procedimentos para a preparação de medicamentos e cosméticos. Embora aos olhos de hoje, esses livros possam parecer apenas curiosas coleções de receitas, quando cuidadosamente investigados revelam elaborados conhecimentos sobre manipulações e transformações da matéria. Tais conhecimentos ajudaram a tecer a trama da sabedoria humana concernente às ciências da matéria. Assim, o principal objetivo deste artigo é revelar parte dessa trama, analisando uma série de receitas para a preparação de cosméticos, com foco em algumas prescrições publicadas em livros dedicados às damas.

**Palavras-chave** história da química – ciência e *techné* – destilação – cosméticos.

**ABSTRACT** A large amount of texts was published between the sixteenth and eighteenth centuries. Some of them were written by women. Those texts brought up the most varied procedures for preparing medicines and cosmetics. Although, those books may seem just simple and curious recipe books to our present day perception, once thoroughly investigated, they reveal elaborate knowledge about manipulation and transformation of matter. Such knowledge helped write the plot of human wisdom concerning the sciences of matter. Thus, the main purpose of this article is to unveil part of this plot, by analyzing a series of recipes for preparing cosmetics, focusing on some prescriptions published in books dedicated to ladies.

**Keywords** history of chemistry – science and *techné* – distillation – cosmetics.

## Introdução

Nos dias de hoje, há uma grande e justa preocupação no reconhecimento das contribuições de mulheres à ciência atual. Entretanto, pouca atenção tem sido dada ao ancestral e relevante papel dos conhecimentos envolvidos no que chamamos de práticas femininas. Por estas práticas, entendemos o conjunto de saberes e fazeres envolvidos nas tarefas tradicionalmente atribuídas às mulheres, que envolviam, entre outras, a obtenção de medicamentos, perfumes, cosméticos e corantes<sup>2</sup>. Embora estejam nas origens de conhecimentos importantes para a consolidação da ciência, elas são frequentemente, desconsideradas. Tal atitude pode ser atribuída, pelo menos em parte, a uma concepção de história da ciência feita por “grandes nomes, e neste caso, de homens”<sup>3</sup>.

Historiadores têm se dedicado, especialmente a partir da década de 1960, a diferentes estudos sobre a participação das mulheres na produção de conhecimento científico. Tais estudos foram incentivados, naquela época, pela emergência dos movimentos feministas ocorridas no período e, conseqüentemente, pelo maior número de mulheres que passaram a ocupar posições, antes consideradas masculinas, tanto no meio acadêmico como nos institutos de pesquisa.

Dessa forma, existem diferentes trabalhos publicados, principalmente por grupos de estudos sobre a mulher, que focam a exclusão e marginalização na ciência e pela própria história, buscando compreender, de alguma forma, as origens das desigualdades nas relações entre homens e mulheres<sup>4</sup>. Também há estudos que recaem sobre a masculinização ou feminilização das ideias, das práticas e das instituições enquanto outros se debruçam sobre os métodos e os conteúdos da ciência<sup>5</sup>. Geralmente, esses estudos prendem-se à denúncia da exclusão sofrida pelas mulheres na institucionalização do conhecimento, esquecendo-se que não foram elas as únicas excluídas<sup>6</sup>. Há ainda pesquisas que caracterizam as mulheres como seres individuais que teceram suas próprias histórias. Dentro desta concepção desenvolveram-se pesquisas sobre a carreira e as contribuições de mulheres que se dedicaram às ciências. Porém, parece que, fundados em uma historiografia já anacrônica que descreve a “história dos grandes homens”, apenas mudaram o foco para “as grandes mulheres”, numa busca incessante pela “heroína precursora”, um modelo a ser seguido por todas aquelas que estavam e estão ingressando na ciência. No entanto, pode-se considerar o resgatar desse legado – de Hipatia a Marie Curie – como uma tarefa urgente e que teve sua importância diante da grande necessidade de encontrar figuras femininas que haviam produzido algum conhecimento. Isso como oposição à ideia de que as mulheres não seriam capazes de fazer ciência. Nesse sentido, encontra-se uma série de textos que privilegiam biografias de grandes mulheres até então esquecidas ou ignoradas pelos historiadores da ciência de linha historiográfica tradicional<sup>7</sup>.

40

As pesquisas publicadas sobre esse tema, que envolvem diferentes questões sobre as mulheres na ciência, acabaram por constituir uma área de especialidades, dentro da própria história da ciência. Porém, acarretaram problemas historiográficos específicos: temas como as mudanças que o feminismo trouxe para a ciência ou existência de uma forma feminina de fazer ciência ainda parecem estar longe de chegar a uma resposta. No entanto, é interessante ressaltar a importante contribuição desses trabalhos para a constituição de um espaço privilegiado para a discussão e, sobretudo, para a compreensão das dificuldades encontradas, ainda hoje, pelas mulheres em função dos modelos sociais construídos ao longo do tempo sob a ótica masculina<sup>8</sup>. Cabe ressaltar que a participação feminina na elaboração e transmissão de conhecimentos sobre a matéria é mais significativa e antiga do que se poderia imaginar em um primeiro momento. Registros de práticas femininas envolvendo a manipulação da matéria encontram-se já nos primeiros livros impressos ainda no final do século XV, que trazem imagens e referências aos conhecimentos das mulheres sobre os materiais curativos e o preparo de virtuosas “águas” curativas obtidas por destilação<sup>9</sup>.

Entre os séculos XVI e XVIII, uma grande quantidade de textos, alguns assinados por mulheres, foi publicada trazendo os mais diversos procedimentos para o preparo de medicamentos e cosméticos. Entre esse material encontram-se compilações de antigos receituários adaptados para o período em que foram publicados, com a inclusão de procedimentos bem como de novos materiais que se tornaram disponíveis na Europa com a descoberta do Novo Mundo.

Esses textos certamente merecem mais atenção e estudos aprofundados. Contudo, é um tema de difícil abordagem, especialmente em função da necessidade de se considerar as condições da época em que foram escritos, pois revelam significados e formas de organização dos conteúdos muito diversos dos atuais, bem como envolvem lógicas próprias de sua época. Talvez por isso esses livros tenham sido considerados simples receituários. Mas, um conjunto de receitas que à primeira vista pode parecer banal e de fácil entendimento, quando adequadamente investigado acaba por revelar elaborados conhecimentos sobre a manipulação e a transformação da matéria<sup>10</sup>. Mais do que isso, as inter-relações entre texto e contexto podem expor alguns dos fios que ajudaram a compor a trama do saber humano.

Assim, este artigo se propõe a desvelar uma parte dessa trama, por meio de levantamento e análise de uma série de receitas para o preparo de medicamentos cosméticos, publicadas a partir do século XVI, em diferentes tipos de livros, em especial naqueles dedicados às damas.

Tomou-se por foco os “segredos raros” do livro de Marie Meurdrac, *La Chymie charitable et facile, en faveur des dames*, publicado em 1666, em Paris<sup>11</sup>. Rastreamos algumas de suas fontes, os possíveis motivos de sua elaboração e a forma de organização, tendo com eixo condutor as três esferas de análise em história da ciência<sup>12</sup>. Além disso, buscaremos compreender algumas características de livros voltados às práticas femininas que se mantiveram até pelo menos o final do século XVII.

## *La Chymie charitable et facile, en faveur des dames* e algumas de suas fontes

Provavelmente em função da ausência de documentos que claramente comprovem a existência de Marie Meurdrac, os poucos estudos atuais sobre a autora criaram imagens díspares. Alguns a identificam como química paracelsista<sup>13</sup>, outros como a última alquimista<sup>14</sup>. Também a apresentam como a primeira mulher a publicar um livro de Química<sup>15</sup>. Mas, o que se percebe é que sua obra é constituída por diferentes ideias e reúne tramas complexas que harmonizam até mesmo ideias antagônicas.

Embora aceitasse que a matéria fosse formada pelos três princípios: sal, enxofre e mercúrio, Meurdrac enaltecia a superioridade dos vegetais como medicamentos, o que a aproxima de uma tradição expressa em herbários medievais que pouco ou nada falavam de medicamentos de origem mineral. Difere, dessa forma, dos filósofos químicos do período que, seguidores das ideias paracelsistas, que, embora como ela, admitissem a *tria prima* para explicar a composição e transformação da matéria, defendiam enfaticamente a primazia dos medicamentos obtidos a partir dos minerais<sup>16</sup>.

*La Chymie charitable* é constituído de seis partes. Na primeira delas, a autora fundamenta suas ideias sobre a matéria e, em seguida, discorre sobre as operações, especialmente as destilações, as formas de aquecimento, banhos e lutos. Fornece uma tabela contendo os símbolos químicos usados no período e outra mostrando as conversões de pesos e medidas comumente usados na França dos seiscentos. Dedicar-se também a explicar como construir um forno adequado aos diversos procedimentos necessários para a obtenção dos medicamentos<sup>17</sup>.

A parte mais extensa da obra de M. Meurdrac, a sexta e última parte, é constituída pela coletânea de “segredos raros” para uso feminino que incluem cosméticos, em especial, “águas” cicatrizantes, contra as rugas, sardas e vermelhidão da face, bem como aquelas indicadas para tingir os cabelos, clarear as mãos, curar algumas doenças da pele, além de preparados para branquear os dentes.

Essas “águas” eram obtidas a partir da destilação de folhas, flores, frutos, sementes, cascas e raízes de vegetais, e também de alguns produtos de origem animal e mineral. A “*aqua vitae*”, ou “*eau de la vie*”, destilada a partir do vinho, tem lugar de destaque nessa obra, pois seria capaz de proporcionar o rejuvenescimento do corpo e do espírito. Quanto aos minerais, a autora francesa alertava particularmente para os problemas causados pelo uso do mercúrio, como será visto logo adiante.

É interessante notar o tom de advertência que M. Meurdrac utilizou na introdução, ao avisar que teria acrescentado esta parte do livro especialmente para as damas, com o objetivo de prevenir “um infinito número de acidentes que ocorrem quando se utiliza algum produto na pele, cuja composição elas [as damas] desconhecem”. Prossegue considerando que: “devo advertir às damas que usem nas composições para o rosto, a menor quantidade possível de cânfora, pois causa muitos edemas”. Quanto ao mercúrio aconselha que não seja usado de forma nenhuma, pois além de “apagar a beleza da face com seu uso prolongado, produz doenças muito desagradáveis e algumas incuráveis, das quais se devem prevenir.”<sup>18</sup>. Verifica-se assim que, para M. Meurdrac, os cosméticos tinham a função de medicamentos, conforme uma ancestral tradição<sup>19</sup>.

Para as cútises delicadas e secas recomenda nutrição e hidratação com as “águas” de polpa de frutas e de leite, acrescidas de gordura animal. Para as oleosas, as “águas” que contenham ácidos, particularmente obtidas do vinagre

e do limão, ou a água da Rainha da Hungria, uma poderosa “água” sobre a qual falaremos mais adiante. Curiosas são as “águas corrosivas”, que recomenda para a esfoliação de peles grossas. Essas “águas” eram destiladas a partir de alúmen, enxofre, pérolas, bile e de sucos ácidos como o obtido da *verjus*, uma espécie de uva de bagos alongados e película grossa<sup>20</sup>.

Pela primazia que dá aos produtos obtidos por meio da destilação, M. Meurdrac pode ser considerada herdeira daquela tradição medieval que atribuída à destilação o poder de extrair as mais puras “virtudes” dos materiais curativos<sup>21</sup>. Desse modo, é bastante provável que a autora francesa tenha conhecido livros de destilação, entre eles o *Thesaurus Euumyri Philiatr* de Conrad Gesner, publicado em 1552 e que teve ampla circulação na Europa mesmo no decorrer do século XVII.

Erudito altamente considerado em sua época, o médico e filólogo suíço-germânico Gesner, viveu entre os anos de 1516 e 1665. Além de ser o autor de obras monumentais, empenhou-se de forma marcante na retomada, tradução e organização de textos elaborados na antiguidade e no medievo. Verdadeiro polímata dedicou-se a assuntos que abordavam desde o estudo da natureza – plantas, animais e minerais – a medicina e a preparação de medicamentos, até a filologia, a bibliografia e a teologia<sup>22</sup>.

Sendo um livro de destilação, o *Thesaurus* relaciona-se à tradição escrita dos herbários que remonta, no mínimo a Dioscórides (séc I), à qual se associou a ideia medieval de que fosse possível, por destilação, extrair as “quintessências” – as puras virtudes – dos materiais curativos<sup>23</sup>.

Entre as receitas apresentadas por Gesner, da mesma forma que se observa na obra de M. Meurdrac, encontram-se preparações com finalidades cosméticas. Tratam-se especialmente de “águas” destiladas, algumas para a face, outras para os cabelos e ainda, um terceiro tipo que faria os dentes ficarem brancos. Os materiais utilizados pelo médico suíço-germânico para a elaboração dessas águas também eram principalmente folhas, flores, cascas, raízes e sementes de vegetais, bem como resinas. Produtos de origem animal, tais como clara de ovos, leite de cabra e mesmo leite humano, além da gordura são mencionados, destacando-se ainda uma série de receitas envolvendo a utilização de caracóis. A *aqua vitae*, produto da destilação do vinho, por apresentar propriedades embelezadoras e rejuvenescedoras, também está presente.

Entretanto, talvez mais interessante que qualquer das “águas” cosméticas descritas por Gesner, seja o modo cauteloso com que ele introduziu o assunto. Considerando de início que Galeno “o mais afamado de todos os médicos não poucas vezes prescreveu medicamentos cosméticos [...] e declarou que seu uso é muitas vezes útil e honesto”, prosseguiu indicando os benefícios que esses medicamentos trariam a homens e mulheres. Para tanto ponderava sobre os problemas causados por certas imperfeições ou marcas por certo provocadas pelas diversas doenças de pele que inevitavelmente surgiam numa época em que os hábitos de higiene deixavam muito a desejar e as epidemias eram frequentes. Exemplo disso encontra-se no seu comentário acerca de alguns homens casados que “devido a pequenos e suaves defeitos de suas esposas deixam seu amor voltando-se para rameiras e prostitutas”. Por essa observação também se pode compreender porque a maioria das “águas” descritas destinava-se ao embelezamento da face visando principalmente à eliminação de erupções, marcas e outras imperfeições. Ainda se percebe o cuidado tomado por Gesner nessa questão quando declara não escrever “para mulheres ou homens, mas apenas para os médicos que deveriam ser homens bons e discretos”<sup>24</sup>.

A obra de Gesner é dirigida a boticários e médicos e, como se observa, outro é o público de Marie Meurdrac. Ela oferece seus conhecimentos às mulheres ensinando-as a fazer, com facilidade: “uma grande quantidade de medicamentos infalíveis para acura de doenças e muitos segredos raros para as damas, não apenas para conservar, mas também para aumentar os dotes que receberam da natureza”<sup>25</sup>.

Escritos em épocas e locais distantes, dirigidos a públicos distintos e fundamentados em diferentes teorias médicas, mas, como já foi dito, mantendo fortes laços com as tradições antigas e medievais essas obras trazem receitas cosméticas semelhantes.

Assim por exemplo, um dos cosméticos descritos por C. Gesner é a “água” recomendada para “purgar os dentes”, a qual deveria ser utilizada para lavá-los e esfregá-los. Era obtida pela destilação de sal amoníaco, sal gema e alúmen, ou seja, esse dentífrício tratava-se de uma corrosiva mistura de ácidos minerais: “Tome sal amoníaco, sal gema, cada um três onças, açúcar e alúmen um onça e meio destile e misture a duas libras de água e esfregue e lave os dentes com ela”<sup>26</sup>. Essa “água”, acrescida de enxofre e salitre, também aparece na obra de M. Meurdrac, com a mesma indicação: “corroer os dentes, tornando-os brancos”: “O espírito [cuja preparação foi anteriormente ensinada] do enxofre, de sal marinho, salitre, alúmen e sal amoníaco, branqueia os dentes e os corroem, tornando-os claros e brancos. Deve-se esfregar ligeiramente os dentes e depois lavar a boca com um vinho morno”<sup>27</sup>.

A obtenção de determinadas águas cosméticas envolvia a utilização de minerais. Assim, algumas receitas fornecidas por C. Gesner incluíam mercúrio, outras a cerusa e ainda numa delas, destinada a tingir os cabelos de verde, empregava o vitríolo<sup>28</sup>. Já em M. Meurdrac essa água, destilada com alúmen e enxofre teria a propriedade de tornar os cabelos loiros<sup>29</sup>.

Embora C. Gesner tenha se fundamentado em várias fontes para descrever a preparação dos cosméticos no *Thesaurus*, uma das que ele destacou foi o *La Decoration D'Humaine Nature et aornament des Dames* de Andreas Furrerius<sup>30</sup>, nome latinizado de André le Fournier, médico da Faculdade de Paris. Trata-se, segundo o próprio autor, de uma compilação de receitas para corrigir as imperfeições da pele, extraídas dos escritos dos melhores doutores em Medicina.

A. Fournier justificava o uso de medicamentos cosméticos para corrigir ou disfarçar as imperfeições da pele, não só do rosto, mas do corpo todo, pois entendia a face como

*a janela da alma [...] por ela se conhece os menores detalhes da natureza da pessoa e é a parte mais aparente, aquela com que a dama mais compraz seu marido, pois a face pode mostrar a proximidade da natureza humana com os anjos*<sup>31</sup>.

Também como Gesner, A. Fournier seguia a medicina galênica, assim afirmava que “cores estranhas aparecem na face por falta das purgações”. Estas deveriam ser feitas na primavera ou no outono, quando haveria abundância dos humores coléricos e melancólicos, “e também poderiam aparecer pela opilação do fígado, como acontece com grande parte das damas filhas de Paris”<sup>32</sup>. Para ele, as marcas na face eram um indicativo de um corpo adoecido.

Muitos dos seus cosméticos que envolviam materiais de origem animal, tais como caracóis e pombos, também faziam parte dos segredos ensinados por M. Meurdrac, pois provavelmente tivera contato com a obra do médico francês. Essas receitas, para ambos os autores, como também para C. Gesner, seriam indicadas para retirar as manchas e a vermelhidão da pele e torná-la macia. A. Fournier acrescentava ainda, que auxiliavam a melhorar a coloração de pele, que deveria ter “uma cor mais serena e clara”<sup>33</sup>.

M. Meurdrac considerava essa “água” feita com caracóis “admirável para clarear, uniformizar e amaciar a pele” e orientava seu preparo da seguinte maneira:

*Tome, no mês de maio, caracóis com suas cascas, a quantidade de que vos agrada, e as coloque num pote de vidro com um punhado de sal e vinagre o suficiente para ultrapassar os caracóis em um dedo: agite para limpá-los e jogue fora a espuma. Retire-os e lave-os com vinho branco e em seguida enxugue com um pano branco e os coloque em um pote de barro esmaltado por três meses, remexendo de vez em quando. Se aparecer uma película na abertura das cascas, não tem importância. Depois de três meses, tome os caracóis triturados e coloque em uma cucurbita de vidro e destile-os em banho fervente até que as fezes [os resíduos] fiquem secas: retire as fezes e retifique a água no banho: na última vez, coloque no canal do capitel almíscar ou âmbar cinza, num pequeno sache com açúcar para corrigir o mau odor dessa água.*<sup>34</sup>

Várias das “águas” oferecidas por A. Fournier para clarear a pele da face também utilizavam caracóis na sua preparação:

*Tome caracóis sem as suas cascas e lave muito bem com sumo de limão e sal pulverizado. Coloque num recipiente de barro uma camada de caracóis e cubra com sal, em seguida mais uma camada com os caracóis e cubra novamente com sal, faça isso até preencher um terço do vaso. Depois de quatro horas, destile. Se não puder destilar, feche o vaso deixe-o ao sol até formar um unguento. Passe no rosto e lave com “água” de flor de fava. Outra, para o mesmo: tome doze caracóis e corte-os em quatro pedaços. Deixe em infusão em um bom vinho branco e depois destile<sup>35</sup>.*

A intenção de A. Fournier foi a de reunir no seu compêndio conhecimentos sobre os cuidados com a pele que poderiam ser utilizados pelos médicos ou pelas próprias mulheres, pois conforme o autor, não existiria ainda em Paris nada escrito nos livros de medicina que privilegiasse tal tema “apesar dos sérios defeitos, naturais ou causados por doenças, que apareciam na face”<sup>36</sup>.

Vale ainda ressaltar que C. Gesner dava pouco crédito a esses, segundo o autor, “curiosos e estranhos remédios” e acrescenta que, “embora eles sejam verdadeiros, eu não os receito, especialmente quando muitos outros podem ser facilmente obtidos à vontade”<sup>37</sup>. Por outro lado, M. Meurdrac deixa claro que os segredos que ensinava eram capazes de curar as diferentes enfermidades e todos teriam sido por ela mesma experimentados, sempre com excelente resultado<sup>38</sup>.

É possível que, além das obras de C. Gesner e A. Fournier, o *Traité de La Chymie Enseignant Par une brieve & facile Methode de toutes sés plus nécessaires preparations*, de 1663, escrito por Christophle Glaser, também possa ter influenciado a obra de M. Meurdrac. Curiosamente, tanto a segunda edição do *Traité* como a do *La Chymie* foram publicados pela mesma casa editorial<sup>39</sup>.

44

O livro de C. Glaser, um entre muitos livros de Química escritos para o acompanhamento das aulas no Jardim do Rei, apresenta, de forma semelhante ao de Meurdrac, uma pequena introdução onde define a Química, explica as operações e descreve os fornos e recipientes necessários às diferentes preparações. Contudo, a primeira parte de sua obra, conta com um grande número de procedimentos, referentes à obtenção de medicamentos a partir dos minerais. Muitos deles compõem na obra de Meurdrac e há receitas comuns também entre aquelas preparadas tendo como material de partida animais, suas partes e fluidos. Entre elas, encontram-se a destilação do crânio e do sangue humanos.

Embora não traga em seu conteúdo nenhuma receita para o preparo de cosméticos, há no *Traité* de C. Glaser, entre as extrações vegetais, uma “curiosa receita que apresenta virtudes bem conhecidas”<sup>40</sup> – a “água da rainha da Hungria”. Essa água é descrita por M. Meurdrac que afirma ter tido acesso a uma cópia do relato original, feito por Dona Maria, filha do Imperador Carlos V, com a seguinte observação: “Na cidade de Buda, no reinado da Hungria, em doze de outubro de mil seiscentos e cinquenta e dois, se encontra escrita a presente receita no breviário da Sereníssima Isabel, rainha do dito reinado”<sup>41</sup>. Ao introduzir o “segredo” Meurdrac explica que tal “água” tem esse nome, pois sua composição foi revelada à rainha. O procedimento para sua obtenção estaria transcrito da seguinte forma:

*Nós, Dona Isabel Rainha da Hungria, estando na idade de setenta e dois anos, muito doente e com gota, tendo usado um ano inteiro a seguinte receita, que obtive de um eremita que jamais vira e que nunca mais encontrei, fez-me tão bem que sarei e recuperei minhas forças de forma que, parecendo bela para todos, o Rei da Polônia quis casar-se comigo, o que eu recusei por amor ao meu Senhor Jesus Cristo e ao anjo de quem creio ter obtido esta receita<sup>42</sup>*

Trata-se de uma infusão alcoólica de flores e brotos de alecrim que é posteriormente destilada em um alambique no banho-maria. Para o rejuvenescimento do corpo, recomendava que fosse ingerido um dracma com caldo de carne frio para que os “espíritos mais sutis” não evaporassem. Para melhorar a aparência da face dever-se-ia lavá-la com essa água todas as manhãs<sup>43</sup>.

C. Glaser a inclui entre os medicamentos destilados, recomendando que as flores do alecrim fossem colhidas pela manhã “em tempos secos”. Duas libras dessas flores deveriam ser destiladas em três libras de “um bom espírito de vinho por vinte e quatro horas em banho de vapor ou ao sol”. Quanto ao uso dessa “água”, limitou-se a indicar algumas

situações nas quais ela poderia atuar como medicamento: “Já que suas virtudes são bem conhecidas, nós diremos as principais que são: a de fortificar o espírito, fortificar o estômago e auxiliar a digestão, prevenir cólicas. Pode ser usada externamente para as contusões e dores de ouvido, mas é muito boa para as paralisias, apoplexias, gota e dores frias e em todas as situações em que é necessário manter o calor natural”<sup>44</sup>.

É interessante notar que essa mesma receita aparece em outras obras escritas pelos demonstradores do Jardim do Rei. Moyses Charas, substituto de C. Glaser no Jardim do Rei, embora tenha publicado sua *Pharmacopée Royale Galenique et Chymique*, apenas em 1676, também escreveu sobre essa “água”. Descreve-a como um espírito que “produz efeitos maravilhosos” desde que produzida corretamente, observando que apenas as flores do alecrim deveriam ser utilizadas<sup>45</sup>.

Embora os “segredos” de M. Meurdrac apareçam nesses e em outros livros de Química publicados em Paris no mesmo período, observa-se que ela descreve as destilações de forma mais minuciosa, fornecendo mais detalhes sobre aparatos, tipo de aquecimento, e preparo do material utilizado. Além disso, provavelmente por ser dirigido às damas, seu tratado é o único que apresenta uma seção inteira, e bastante extensa sobre a obtenção e uso dos cosméticos como também um pequeno capítulo dedicado à produção de pós para colorir a face.

## Mais alguns livros dirigidos às damas

Percebe-se que os livros dedicados às mulheres geralmente trazem, em grande parte de seus conteúdos, preparações cosméticas, com a finalidade de corrigir as imperfeições ou melhorar a aparência. Um dos textos mais antigos conhecidos que versa sobre o assunto o *De Ornatu Mulierum* que faz parte de um conjunto de manuscritos anônimos denominado Trota, e que circulou pela Europa até meados do século XVI e ficou conhecido como Trota Minor. Trata-se de uma coleção de receitas, provavelmente do século XII, nas quais são utilizados materiais de origem mineral, como a cerusa, cal viva e enxofre, bem como vegetais diversos, além de gordura, sangue, ovos, caracóis e partes de animais<sup>46</sup>.

Muitos desses medicamentos cosméticos também aparecem no *La Chymie Charitable*. Para colorir a face, M. Meurdrac sugeria o uso de uma “água” obtida da destilação de pau-brasil (*bois de Brésil*) deixado em infusão no vinagre, que deveria depois ser mistura a cola de peixe<sup>47</sup>. No *De Ornatu*, uma receita bastante semelhante tem a mesma finalidade: “as mulheres salernitanas colocam clematis e vinho branco no mel e passam na face para deixá-la corada”<sup>48</sup>.

Outra receita comum às autoras é a de uma “água” depilatória. Para prepará-la, M. Meurdrac destila cal viva, enquanto o *De Ornatu* recomenda a decoção desse material e acrescenta também ouro-pigmento, procedimentos que estão em concordância com as diferentes tradições abarcadas por elas. O interessante é que Meurdrac aconselha que essa água seja aplicada na pele com o auxílio de uma pena, ao passo que manuscrito recomenda que o depilatório seja testado com uma pena para verificar se está pronto. Provavelmente um erro na cópia, embora pequeno ao se considerar os séculos que separam as duas autoras. No entanto, ambas indicam, no caso de irritação da pele, o uso de óleo de sementes de rosas ou de violetas. Óleos dessas sementes eram considerados frios, o que cabe perfeitamente na estrutura galênica, seguida pelo autor ou autora, da cura pelos opostos. Já para Meurdrac, que entendia que a cura se dava pelos semelhantes, isso poderia ser justificado pelo fato de óleos serem constituídos, em grande parte, pelo princípio enxofre, responsável, entre outras coisas pela combustão dos corpos, portanto indicado para curar queimaduras. Há outras receitas comuns, como as indicadas para tingir e cachear os cabelos, clarear a face e os dentes.

O *De Ornatu Mulierum* apresenta ainda, muitos medicamentos que foram provavelmente colhidos entre as mulheres que viviam em Salerno, e transmitiram os segredos de sua arte: um depilatório usado por uma mulçumana, um medicamento contra o odor da boca receitado por uma Sarracena, um unguento para alongar os cabelos que dado por uma velha desconhecida, entre outros<sup>47</sup>. Assim, é possível afirmar que a origem desses conhecimentos encontra-se na esfera do saber feminino e que foram comunicados oralmente ao longo dos séculos.

Outro livro dedicado às mulheres de grande circulação foi o *I Secreti Della Signora Isabella Cortese, Ne'quali si contengono cose minerali, madicinali, arteficiose, & Alchimiche: Et molte de l'art profumatoria, appartenenti a ogni gran Signora. Com altri bellissimoi Segreti aggiunti*. Essa coletânea atribuída a Isabella Cortese teve pelo menos 15 edições entre os anos de 1561 a 1677.

Esse compêndio é formado por quatro livros e os três primeiros são constituídos por operações químicas/alquímicas, com alguns fragmentos de textos dispersos em meio a diferentes preparações. Entretanto, o último deles, que corresponde à metade da obra é uma grande coletânea contendo receitas cosméticas de execução aparentemente simples. São sabões, tintas para os cabelos, dentifrícios e águas perfumadas. Claro que se encontra entre elas a “*acqua uita perfettissima*” destilada e retificada a partir de “um vinho de excelente qualidade”, que, usada para lavar o rosto, “opera um verdadeiro milagre”<sup>49</sup>.

Entre as águas para clarear e suavizar a pele encontram-se algumas cujos materiais empregados são os mesmos usados nos “segredos” de M. Meurdrac, como esta, *che fa Bianca la faccia*:

*Pegue limões, seis, que tenham a casca fina por ter muito suco e pegue seis ovos frescos daquela dia e corte os limões ao meio, e ferva os ovos em água até que fiquem duros, depois retire as cacas e corte em pequenos pedaços em seguida faça uma camada de limões e outra de ovo. Mas antes coloque uma libra de terebintina lavada quatro ou cinco vezes e destile em fogo lento e disto sairá [uma] água singularíssima que deverá ser colocada em uma ampola bem fechada que deve ser mantida ao sol*<sup>50</sup>

No *La Chymie Charitable* encontra-se a seguinte prescrição *pour adoucir & blanchir lês teins*:

*Tome uma dúzia de limões que tenham a casca fina e as claras de uma dúzia de ovos frescos cozidos dos quais retirará as gemas: corte os limões e as claras em rodela e os coloque em uma cucúrbita de vidro, no fundo da qual colocará uma libra de terebintina de Veneza bem lavada; depois destile em banho fervente e coloque a água que saiu ao sol*<sup>51</sup>.

46

Livros publicados depois do *La Chymie* continuaram registrando os mesmos “segredos”. Outra obra muito interessante é o *Wits Cabinet, or a Companion for Young Men and Ladies*, livro anônimo, publicado em Londres, com diversas edições entre os anos de 1684 e 1745<sup>52</sup>. Não é dirigido somente às damas e contém uma série de assuntos provavelmente atraentes para os jovens da época: a arte do galanteio, modelos de cartas de amor, interpretação de sonhos, quiromancia e, na seção destinada ao público feminino, vários tipos de cosméticos para clarear e embelezar a face e preservar a aparência. São apenas cerca de trinta receitas cosméticas entre “águas”, pomadas, perfumes, dentifrícios com indicações de preparo e instruções para o uso. A maior parte delas encontra-se no livro de M. Meurdrac: um pó para limpar os dentes com coral e creme tártaro misturado ao mel, uma “água” para retirar a vermelhidão causada pela exposição ao sol, outra para esfoliar a pele feita com pérolas e suco de limão. Mas duas aparecem com destaque. Uma é a “água de pombos”, descrita por M. Meurdrac, A. Fournier e C. Gesner, como excelente para limpar e clarear a pele. A outra é a “verdadeira e genuína receita do famoso espírito chamado água da Rainha da Hungria, assim chamado pelas maravilhosas curas que a Rainha obteve, quando tinha setenta e dois anos”<sup>53</sup>. A única recomendação diferente do autor anônimo é que as flores fossem colhidas duas ou três horas antes do alvorecer.

## Considerações finais

É compreensível e até certo ponto justificável o número reduzido de estudos sobre as práticas femininas, especialmente no que se refere à obtenção de águas cosméticas, já que o seu registro se deu nos chamados receituários, muitos deles compilações de antiquíssimos textos nos quais se encontram também saberes populares, técnicas e

segredos de ofício transmitidos de geração a geração. Tal conhecimento chegou até nossos dias como estruturas complexas, sobretudo na forma de organização, para o leitor do século XXI.

Entretanto, a análise das obras, notadamente aquelas oferecidas às mulheres, mostrou que os procedimentos envolvidos na obtenção desses cosméticos são semelhantes, especialmente no que se refere à ênfase na obtenção de tais medicamentos por meio da destilação, variando apenas, quando isso acontece, a forma de aquecimento e o equipamento utilizado.

Quanto aos materiais empregados, eventualmente encontram-se pequenas variações o que pode assinalar uma adaptação em função da disponibilidade local dos ingredientes e a incorporação de outros vindos do novo mundo, como também modificações que essas receitas sofreram no decorrer do tempo em função de uma longa transmissão oral, cuja matriz encontra-se na esfera dos saberes envolvidos nas práticas femininas.

Assim, embora as receitas de cosméticos que apresentamos possam hoje nos parecer estranhas, elas traziam ao público feminino da época conhecimentos sobre a matéria fundamentados em ideias correntes entre médicos, boticários e alquimistas, particularmente o conceito de que, por destilação, era possível extrair as mais puras virtudes guardadas nos materiais.

## Notas e referências bibliográficas

**Laís dos Santos Pinto Trindade** é doutora em História da Ciência. Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: lsprindade@pucsp.br

**Maria Helena Roxo Beltran** é doutora em Comunicação e Semiótica, com especialização em História da Ciência, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: lbeltran@pucsp.br

- 1 Este artigo fundamenta-se em pesquisas desenvolvidas junto ao CESIMA/PUCSP, ligadas ao projeto temático Fapesp (Processo No.2011/14040-9) e ao desenvolvimento de pesquisa de Pós-Doutorado apoiada pela Capes (PNPD)
- 2 TRINDADE, L.S.P. *Práticas Femininas: "La Chymie Charitable" de Marie Meurdrac*. 2010. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil, 2010.
- 3 PÉREZ SEDEÑO, E. La enseñanza de la historia de las ciencias y los estudios sobre la mujer. *Revista da SBHC*, n. 7, p. 25-30, 1992
- 4 Ver, por exemplo: SCHIEBINGER, L. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru: EDUSC, 2001; BLEIER, R. *Feminist approaches to science*. Nova Iorque: Duell/Sloan & Pearce, 1984; HARDLING, S. *The science question in Feminism*. Nova Iorque: Cornell University Press, 1986; HARDLING, S. *Feminism and Methodology*. Bloomington, Indiana University Press, 1987. HILARY, R. Hand, Brain and Heart: a feminist epistemology for the natural sciences'. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, n. 9; v. 3, p. 73-98, 1983. FOX KELLER, E. & LONGINO, H.E. *Feminism and science*. Ed. Oxford, Oxford University Press, 1996.
- 5 Ver, entre outros, KOHLSTED, S. G.& LONGINO, H. G. The Women, Gender and Science Question. *Osiris*, v.12, p. 3-11, Ithaca, Cornell University.
- 6 Ver, por exemplo, SCHIEBINGER, L. *The mind has no sex?: Women in the origins of modern science*. Cambridge e London: Harvard University Press, 1991. FOX KELLER, E. *Reflexions on Gender and Science*. New Haven: Yale University Press, 1985; HARAWAY, D. *Privative Visions: Gender, Race and Nature in the Word of Modern Science*. London/New York: Routledge, Chapman & Hall, 1989; BLEIR, R. *Science and Gender: a critique of biology and its theories on women*. New York: Duell/Sloan & Pearce, 1984; FAUSTO-STERLING, *Mhythis of Gender: Biological Theories about women and men*. New York: Basis Books, 1985; SCHIEBINGER, L. *Nature's Body: gender in making modern science*. Boston: Beacon Press, 1993.
- 7 Pode-se citar como exemplo: OLGIVE, M. B. *Women in Science: antiquity through the nineteenth century* Cambridge: MIT Press, 1986; MC GRAINE, S. *Nobel Prize Women: their lives, struggles and momentous discovery*. 2 ed. Washington: Joseph Henry Press, 2001; ROSSITER, M. *Women Scientists in America: Struggles and Strategies*. Baltimore: John Hoppinks University Press, 1982; ALIC, M. *Hypatia's Heritage: A history of women in science from antiquity through nineteenth century*. Boston: Beacon Press, 1986; RAYNER-CANHAN, M. & RAYNER-CANHAN, G. *Women in Chemistry: their changing roles from alchemical times to the mid-twentieth century*. Washington: American Chemical Society; Philadelphia: Chemica, Heritage Foundation, 1998; CREESE, M. *Ladies in the laboratory? American and british womems cience 1800-1900: A survey of their contributions*. London: The Scarecrow Press, 1998; PORTOLÉS, C. *Pioneras españolas em las ciencias: Las mujeres del Instituto Nacional de Física y Química*. Madrid: C.S.I.C, 1998; TOSI, L. Marie Meurdrac, Química, Paracelsista e Feminista do Século XVII. *Química Nova*, v. 19, n. 4, p. 440-444, 1996.
- 8 O desenvolvimento desses grupos de estudo levou à realização de encontros e sessões específicas em congressos dedicados ao tema ciência e gênero, bem como a publicações, entre as quais se destaca o número temático de *Osiris* 12, 1997; KOHLSTED, S. G.& LONGINO, H, op. cit.
- 9 BELTRAN, Maria Helena Roxo. Os Saberes Femininos em Imagens e Práticas Destilatórias. *Circumscribere*, v. 1, p. 37-49, 2006.
- 10 Ver BELTRAN, Maria Helena Roxo. Receitas, Experimentos e Segredos. In: ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria; BELTRAN, Maria Helena Roxo (org.). *O Saber Fazer e seus muitos Saberes: Experimentos, Experiências e Experimentações*. São Paulo: FAPESP, 2006, p.65-91.
- 11 Neste estudo foi utilizada a segunda edição da obra. MEURDRAC, Marie *La Chymie Charitable et Facile em faveur des Dames*. 2ª ed. Paris: Jean d'Hoüry, 1674.

- 12 ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. Centenário Simão Matias: Documentos, Métodos e Identidade da História da Ciência. *Circumscribere*, v. 4, p. 5-9, 2008; ALFONSO-GOLDFARB, A. M.; FERRAZ, M. ; BELTRAN, M.H.R.. A historiografia contemporânea e as ciências da matéria: uma longa rota cheia de percalços. In: \_\_\_\_\_. *Escrevendo a História da Ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*. São Paulo: Educ; Fapesp; Livraria da Física, 2004, p. 49-73.
- 13 TOSI, L., op. cit., 1996.
- 14 RAYNER-CANHAM, M. & RAYNER-CANHAM G., op. cit., 1998, p. 9.
- 15 BISHOP, L. & DELOACH W. "Marie Meurdrac – First Lady of Chemistry?" *Journal of Chemical Education* v. 47, n. 6, p. 448-449, jun. 1970.
- 16 Sobre o assunto ver, por exemplo: DEBUS, A.G. *The French Paracelsians: The challenge to medical and scientific tradition in early modern France*. Cambridge, New York e Melbourne: Cambridge University Press, 1991. METZGER, Hélène. *Lês doctrines Chimiques em France du début du XVII<sup>e</sup> à la fin du XVIII<sup>e</sup>*. Reimpressão. Paris, Librairie Scientifique et Technique Albert Blanchard, 1969.
- 17 Naquele período, em Paris, foi proibida a utilização de fornos, exceto pelos boticários. Entretanto Meurdrac afirma que todas as operações de destilação poderiam ser feitas sobre um tripé circundado por tijolos ou ainda sobre um fogareiro. Vide MEURDRAC, op. cit. 1674, p. 36.
- 18 MEURDRAC, M., op. cit., 1674, p.251-252.
- 19 BELTRAN, M. H. R. *Imagens de Magia e de Ciência: Entre o Simbolismo e os Diagramas da Razão*. São Paulo: Educ; Fapesp, 2000.
- 20 MEURDRAC, M., op. cit. 1674, p.253.
- 21 BELTRAN, M. H. R. op. cit., 2000.
- 22 BELTRAN, Maria H. R. Conrad Gesner e as fontes do *Thesaurus Evonymi Philiatr*. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 6., 1997, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: SBHC, 1997, 70-74.
- 23 BELTRAN, M.H. R., op. cit., 2006, 62-67.
- 24 GESNER, C. *The Treasure of Evonymus* conteyninge the wonderfull [...]. Translated (with great diligence, et laboure) out of Latin, by Peter Morwying fellow of Magdaline Colledge in Oxford. Amsterdam e New York: Da Capo Press, 1969. (Edição fac-similar da tradução inglesa de Peter Morwing, Londres, John Daie, 1559), citações às p. 195-197
- 25 MEURDRAC, op.cit., 1674, p. 328
- 26 GESNER, op .cit., 1969, p. 210.
- 27 MEURDRAC, op. cit., 1674, p. 312.
- 28 GESNER, op. cit., 1969, p. 218.
- 29 MEURDRAC, op. cit., p. 329.
- 30 FOURNIER, A. *La Decoration D'Humaine Nature et aornament des Dames* cõpile et extrait des très excellens docteurs et plus experts medecins, tant anciens come moderne par Maitre Andre le Fournier Docteur regêt em la faculte de medecine em Universite de Paris.Paris: s/ed., 1530,.I.
- 31 Idem, I.
- 32 Idem, II.
- 33 Idem, V.
- 34 MEURDRAC, op. cit., 1674, p. 279.
- 35 FOURNIER, op. cit.,V.
- 36 Idem, VIII.
- 37 GESNER, op. cit., 1969, p. 200.
- 38 MEURDRAC, op. cit., 1674, p. 185.
- 39 GLASER, C. *Traité de la chymie enseignant par une brieve et facile method toutes ses plus necessaries preparations*. 2ed. Paris: Jean d'Hoüry, 1668.
- 40 GLASER, C. *Traité de la chymie. Enseignant par une brieve et facile method toutes ses plus necessaries preparations*. Paris, 1663, p. 345.
- 41 MEURDRAC, op. cit., 1674, p. 255.
- 42 Idem, p.255.
- 43 Idem, p.275.
- 44 GLASER, op. cit., 1969, p. 323-324.
- 45 CHARAS, M. *Pharmacopée Royale Galenique et Chymique par Moyse Charas, Apoticaire Artiste du Roy em son Jardin Royal des Plantes*.Paris, 1676, p. 481-482.
- 46 GREEN, M. *The Trotula: A medieval compendium of women's medicine*. Org. e Trad. Monica Green. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 2001, p. 58-59.
- 47 MEURDRAC, op. cit., 1674, p. 301.
- 48 GREEN, op. cit., 1969, p. 162.
- 49 Idem, citações às p. 169, 182 e 187, respectivamente.
- 50 CORTESI, I. *Secriti Della Signora Isabella Cortese, Ne'Quali Si Contengono cose minerali, medicinale, arteficiose, & Alchimiche: Et Molte De L'Arte Profumatoria, appartenenti a ogni gran Signora*. Veneza: Iacomo Cornetti, 1584, p. 191-192.
- 51 Idem, p. 193.
- 52 A edição utilizada neste artigo é a de 1698.
- 53 ANON. *Wits cabinet or, A companion for young men and ladies* [...]. London: H. Rhodes, 1698, p. 90.

[Artigo recebido em Agosto de 2016. Aceito para publicação em Fevereiro de 2017.]